

Ciborgue e Ciberfeminismos no Tecnocapitalismo Brasileiro

Cláudia Pereira Ferraz¹

RESUMO: Este estudo traz os movimentos ciberfeministas em seus percursos históricos, levantando o questionamento e a crítica sobre o ciberespaço. Utiliza-se da metáfora ciborgue para abordar a potência das tecnologias da comunicação no tecnocapitalismo. A partir das seleção das amostras em páginas feministas, colhidas no ambiente digital, pressupõe que o tecnocapitalismo ainda opera com os certos espectros do colonialismo, onde as relações técnicas são privilegiadas em relação às humanas. O que leva a abordar, o trabalho de morte à política de organização da vida da mulher. Demonstra os ciberfeminismos mapeados no conceito de multidão, constituindo frentes de defesas contra os valores patriarcais da base do Império tecno-capitalista, em suas ações nas redes e ruas.

PALVRAS-CHAVE: Ciborgue, Ciberfeminismos, Ciberespaço, Necropolítica Tecnocapitalismo.

INTRODUÇÃO

A conceptualização do ciborguismo no *Manifesto Ciborgue* por Donna Haraway (1985:02), ao final do século XX, serviu de grande inspiração aos ciberfeminismos em suas essências. Embora não seja um conceito recente, a autora destaca sua potência *como entidade, blasfemo irônico, incompleto*, que segue *minando* as categorias *tão prezadas pela sociedade ocidental*. O ciborgue também seria uma construção *de um animal-humano, numa máquina orgânica física e não física*; e, na sociedade capitalista/patriarcal, é visto como *desleal e insurrecional*.

Para a autora, o ciborgue tem a capacidade de assumir um papel que ela nomeia como *sujeito pós-moderno de guerrilha*, que é aquele que pega para si, as qualidades potentes de seu inimigo e as utiliza aos seus próprios fins ideológicos, contrapondo o sistema. No tecnocapitalismo, há fluxos que ainda ambicionam uma revolução *tecnorgânica* – a partir da exaltação das tecnologias de comunicação exercendo um impulso na cooptação à subversão dos tradicionais valores, rumo a outra concepção de *progresso* (histórico e intelectual).

Primeiramente, esta pesquisa se apropria da metáfora de Donna Haraway e sua proposta *Ciborgue*, entrelaçando-a ao conceito de *Multidão* de Hardt e Negri (2005), no

¹ Doutoranda em Ciências Políticas no Programa de Estudos Pós Graduated em Ciências Sociais da PUC/SP.

papel de estabelecer a compreensão sobre a imanência dos ativismos feministas online e sua relação rede/rua. O que aqui, é denominado como *Ciberfeminismos online*, está no sentido de subverter o uso do aparato digital; gerando informações, debates, agendas de manifestações e mecanismos de apoio às mulheres, vítimas de violências, assédios e estupros através da conexão em rede social. Faz parte do objetivo de estudo, localizar nestes feminismos em rede social, as expressões das mulheres com suas forças de resistências aos múltiplos fascismos cotidianamente normatizados pelo ideal patriarcal persistente no tecnocapitalismo. Mas, para isso, traça brevemente, o histórico da relação entre mulher e tecnologia, a partir dos ciberfeminismos.

Ao menos no ambiente do ciberespaço, as ciberfeministas tinham em vista, a libertação da mulher das amarras binárias sobre gêneros e imposições estéticas femininas, pois no final do séc.XX, as tecnologias de comunicações não dispunham dos dispositivos que baixam fotos e imagens pessoais em redes sociais online. Percebe-se, por isso, que desde os primeiros questionamentos sobre a potência revolucionária do ciberespaço, o desenvolvimento do tecnocapitalismo, ainda mantém a ambiguidade sobre a tecnologia da comunicação em rede social digital. Dessa maneira, no campo do Facebook, e nas demais redes online, é possível pensa-las fazendo parte do aparato que garante a perpetuação dos conceitos conservadores e mercadológicos, típicos das antigas mídias. Pois, durante décadas, as técnicas das velhas mídias, agiram como vetores das subjetividades, a partir do direcionamento da construção das normatividades econômicas e de gênero, modulando as conveniências da existência. As mídias, de modo geral, servem como combustível ideal para o funcionamento da máquina capitalista, inovando sempre na fabricação de modos de viver e novas tendências de consumos. No entanto, aqui, o que, principalmente se busca observar na tecnologia, é o outro lado, que atrelado aos feminismos, revela sua potência política, bastante forte.

Cabe destacar, a tecnologia conjugada ao sistema capitalista contemporâneo, repercutindo o que este trabalho trata como tecnocapitalismo. Constituindo uma era, onde as questões técnicas se sobrepõem às questões humanas. Na ação da resistência, a metáfora do ciborgue de Haraway foi apropriada por esta pesquisa, em sua proposta da ação política ao aparato tecnológico, subvertendo humanamente, as técnicas próprias da era tecnocapitalista e suas máquinas sociais normativas.

Tal inspiração em “*Manifesto Ciborgue*”, base dos ciberfeminismos, coube quando sua manifestação contesta a visão única da narrativa política e a aponta como força das *piores ilusões*. Em seu pensamento, a política-ciborgue seria, então, fruto da *premonição ao conceito da biopolítica*. Onde o fundamento de tal conceito, sob o ponto de vista de Foucault, faz-se essencial para extrapolar a visão ideológica dicotômica entre as estratégias das democracias, pautadas na cultura de mercado e na organização desempenhada pelo estado – que em nome do controle da vida, investem no trabalho da morte. Sobre este aspecto, esta pesquisa desenvolve um estudo, pelo olhar de Mbembe (2001) em torno da *necropolítica*, gerando *sequências de injustiças e opressões*, conforme adiante, será abordado no decorrer deste estudo sobre os feminismos online demonstrando o trabalho de morte da biopolítica.

É no paradigma da passagem de sociedade disciplinar para sociedade de controle onde Hardt e Negri (2005) reelaboram o conceito da biopolítica, quando tratam das resistência às articulações das redes de poderes, pela transfiguração do sentido de biopoder. Nesta redefinição, a biopotência é o que ativa as resistências e os ativismos, típicos do conceito, que tais autores elaboram sobre a *multidão*, e que aqui, será entrelaçado ao conceito *ciborgue*.

Do ciborgue de Haraway, ao referencial teórico, mais específico, dos feminismos e o ambiente tecnológico de comunicações, esse trabalho visa refletir e problematizar o sentido histórico da tecnologia, pelo ponto de vista das críticas feministas no ambiente do ciberespaço. Correspondendo ao questionamento levantado por Winner (2009), ao apresentar o caráter dicotômico e hierárquico da tecnologia. Através da observação deste autor, nota-se que ao final da década de oitenta e meados da década de noventa, o ciberespaço começara a ser refletido como um lugar enaltecido ou criticado, ao redor de suas possibilidades emancipadoras às mulheres. Isso se deu pela emergência de grupos defensores de direitos, e promotores dos usos das novas tecnologias, como as ciberfeministas, cuja intensão, era de instrumentalizar a corrente tecnológica em uma nova narrativa, questionadora dos códigos normativos da sociedade.

Estudos sobre os ciberfeminismos e ativismos feministas na rede se fazem significativos, pois os feminismos formam teorias críticas sobre a vida social, que não se fazem importantes apenas nas relações de gênero, mas sim, como representações que trazem à tona, as críticas sobre as diversas esferas de dominação em nossa sociedade.

O Estudo Científico sobre os Feminismos

A metodologia empregada, segue os preceitos de Haraway (1995), inspirando a *visão* necessária à localização e interpretação dos saberes feministas, que se apropriam da tecnologia dando vozes às suas políticas de ação. Incorpora as técnicas de observação oculta em comunidades em rede online propostas por Skågeby (2013) com as teorias de ator/rede de Bruno Latour (2013), sobre as coletas de dados, que partem da observação dos outros.

Quando Donna Haraway (1995:01-27) escreve sobre os *saberes localizados na questão da ciência e os feminismos, privilegiando a perspectiva parcial*, propõe uma *metáfora sensorial* sobre a *visão*. Esta parte dos sentidos é essencialmente necessária, segundo sua colocação, se quisermos evitar as *oposições binárias*, na objetividade da incorporação de projetos científicos voltados aos estudos dos feminismos. Assim, visa garantir o seu desempenho, de maneira crítica, em saberes *localizados* dos feminismos, e entre si, diferenciados. Tal localização se dá no mapeamento das páginas feministas no Facebook, referente à perspectiva que atende a proposição da autora, na *construção de conhecimento potente* no sentido de *construir mundos mais livres das organizações formadas por eixos de dominação* e hierarquia. Ao introduzir a celebração das mediações tecnológicas simultâneas e transparentes em registros viáveis pela *tecno-ciência* da cultura digital (ideia estruturada antes do fenômeno das redes sociais online), Haraway oferece uma interpretação visionária, a qual, esta pesquisa se apropria. Para desse modo, criar as explicações científicas e políticas do *corpo/máquina* na ação feminista - em comunicação online, na difusão de sua política de ação. A função da *visão* aqui, segue sua proposta na *não passividade* do olhar em sua função, o *sistema de percepção ativo* nas *construções de traduções* e maneiras *específicas de visualizar os modos de vida*, dos considerados aqui, como *multidão ciborgue* - atuante em reivindicações ciberfeministas na rede digital. As palavras da autora, indicam a necessidade de *fidelidade à visão do outro*, mesmo quando, o *outro é nossa máquina!* Ela inspira esse estudo, a buscar a *compreensão dos sistemas visuais* em sua *funcionalidade técnica, social e psíquica*, trabalhando a imaginação e a razão, na combinação entre a *visão visionária* e a *visão objetiva*.

Amostras selecionadas, e citadas neste trabalho, formam as partes do recorte dos diferentes feminismos em rede online como os recentes ciberfeminismos, potencializados pela comunicação em conexão tecnológica. O mapeamento se fez possível, pautando-se no

exercício de observação oculta como parte do método proposto por Skågeby (2011:414). Neste caso, acompanha-se o conteúdo e a discussão das páginas dos feminismos no Facebook, sem atuar ou interferir nas mesmas, apenas as seguindo e as analisando.

Encontrando a possibilidade de reflexões qualitativas sobre os ativismos feministas contemporâneos pela comparação das análises de diferentes amostras destes grupos em rede social/digital, verifica-se seus pontos ativos ideologicamente nos feminismos. Desse modo, esta presente análise, localiza as expressões pertinentes a tais grupos, que seguiram desembocando em recentes categorias verificadas pelas projeções das subjetividades online, formando a *multidão* feminista em rede social online, dentro dos aspectos ciberfeministas recentes.

Pelo viés metodológico, pautado em Skågeby (2013:411), se reconhece como os primeiros momentos da pesquisa, a inserção nas comunidades online do Facebook, permitindo o início da coleta de dados. Enquanto Latour (2012:196,197), demonstra por sua teoria *Ator-Rede*, que tudo são dados, e defende a prática dos registro de todo processo. Neste quadro, a quantificação das mensagens ciberativistas são selecionadas pelo critério de atuação² social/digital na esfera feminista em grupos do Facebook, ativa pelas postagens que geram agendas, debates e informações. Tal trabalho, sobre a atuação feminista envolvida com a tecnologia e sua interação entre rede/rua, desenvolve-se conforme Latour (2012:191,197), sugere, quando defende *tecer redes de atores* - visando permitir o *estabelecimento de uma gama de combinações e operações*.

Sob o ponto de vista dos ativismos feministas ativos na rede social/digital, ao investigar os dados coletados e categorizados, encontram-se elementos que comprovam a vinculação política das ações dos movimentos ciberfeministas em rede com o espaço público - demonstrando como as atuações dos grupos sociais/digitais contemporâneos encontram-se globalmente, e automaticamente sinérgicas entre as esferas online e offline.

Cabe mais uma vez, voltar a Haraway (1995:25) para finalizar, considerando estes saberes localizados, dos feminismos online *estimulando conversas e códigos feministas*, desempenhando a potência dos *significados possíveis*, à estimular uma revisão do mundo, a partir, da *decodificação* dialogada, entusiasmada pela *esperança* de

² O critério do olhar que seleciona os perfis significantes na atuação política social digital dos movimentos feministas no Facebook, segue neste estudo, a proposta de Latour, quando propõe o desdobramento dos atores como redes de mediações, cultivando sempre as descrições dos Atores em Rede.

responsabilidade na política do cotidiano tecno-capitalista.

Abaixo, este trabalho inicia tratando da *multidão ciborgue*, mapeando nesta esfera, as atuações dos feminismos na rede social digital como sintomas típicos do tecnocapitalismo – partindo da tecnologia inserida na vida social em termos de comunicação ativando a potência de subversão pelos questionamentos sobre os valores patriarcais, estruturantes do tecnocapitalismo.

Multidão Ciborgue

Esta nomenclatura foi inspirada na junção de conceitos que Preciado (2003:03) fez em seu artigo intitulado, *Multidões Queer*. Neste caso, seu texto reconhece como potencialidades políticas, os corpos e performances que resistem ao padrão de normatividade, desenvolvendo-se no que chama de *Império Sexual*.

O que inspira a pensar que, a tecnologia faz parte do *Império*, e segundo Hardt e Negri (2000:185), é gerado como uma *república universal* - na *rede de poderes*, arquitetados de maneira *ilimitada e inclusiva*. Tal rede de poderes, comumente, perpetua o imperativo em torno da dominação das subjetividades, modelando afetos e desejos. No que se refere às novas tecnologias de comunicação, pode se afirmar que, não revolucionam por si, e seu grande propósito está fortemente amparado no mercado. São instrumentos do Império, historicamente dominados pela categoria masculina, na concepção patriarcal e corporativista.

Mas é na potência de subversão à este sentido, que a metáfora *Multidão Ciborgue*, compreende em sua essência, o significado de deserção ao *Império* tecno-capitalista, capacitando assim, o sentido do *ciborgue* de Haraway (1985) como *filho ilegítimo do tecnocapitalismo*.

O conceito de *Multidão*, se diferencia das *massas*, e sua condução irracional, diagnosticada, a partir, da segunda guerra mundial com seus totalitarismos. E se distingue do *povo*, pois este, segundo Hardt e Negri (2006:12), corresponde a unidade, sempre sujeita a soberania do estado e do capital em suas relações subordinadas às condições hierárquicas. Segundo o próprio Negri, (2004:15,18,21,22) a *teoria da multidão*, demanda que seus sujeitos expressem por si mesmo em suas *singularidades* sem lideranças representadas. E é sempre, a expressão da *potência* transformando suas práticas. Assim, a *resistência* vai acumulando capacidades *contra a exploração* que *subjetiviza* pela *tomada de consciência*.

Portanto, o *ciborgue* e a *multidão* formam o símbolo do êxito da *deserção*, onde difundem *comportamentos singulares extensivos*, fugindo *das grades*, reclamando *ferozmente* da *miséria* e do *comando*.

Trabalhando na extensão do conceito de *multidão* de Negri, ao advento das tecnologias de comunicações e na metáfora *ciborgue* de Haraway, este trabalho de doutoramento, evidencia a *multidão ciborgue* pela dupla capacidade de potência nesta junção de concepções. Aparecem como a força da biopolítica que inverte os signos dos parâmetros da sociedade capitalista voltada apenas à acumulação e consumo. Conduzindo assim, às inovações revolucionárias nos planos subjetivos, almejando outras formas de existência, vociferadas, a partir das tecnologias de comunicação. A potência desta junção, *mescla, hibridiza e transforma* demasiadamente, os corpos no tecnocapitalismo, onde conectados, torna-se impossível estar só, mesmo estando fisicamente só. Segundo Negri, *o dispositivo materialista da multidão* apenas permitirá ter como princípio, especialmente, o corpo e sua a batalha contra a exploração. Expressando desse modo, sua *potência*, a partir da *metamorfose dos corpos*, tanto em seu *conjunto*, quanto em sua *singularidade*. A *metamorfose dos tempos* implica, então, na *metamorfose dos corpos*, e aqui destaca-se o sentido da dupla capacidade de potência que compõe a essência da *multidão ciborgue*.

Na localidade teórica e histórica sobre a tecnologia incorporada como instrumento de ação política feminista, elaborou-se um estudo sobre as ciberfeministas ao final do séc. XX e a grande influência do *Manifesto Ciborgue* de Haraway (1985:2,3), dando sustentação aos princípios destes movimentos. Pois, de maneira metafórica, mas revolucionária, a proposta do *ciborgue* de Haraway reivindica atuação política pela tecnologia, correspondente nesta análise, à *Multidão Ciborgue* – como o principal aspecto de *deserção* às normatividades do sistema. Propondo novas dinâmicas em se pensar o corpo, a família, a sociedade e a propriedade.

A visualização dos feminismos, se faz sob o olhar da *política ciborgue*, onde não almejam *o sonho de uma comunidade* na estrutura de *modelo de família orgânica*, considerando, desse modo, a falência deste espectro de valores. Neste aspecto, a atitude *ciborgue* de Haraway, coloca as *esperanças* longe do encontro do *pai para salvação*. Dispensando, assim, *a fabricação de um parceiro heterossexual* como suplemento da totalidade na vida da mulher. As respectivas partes, humanas e tecnológicas, constituem na perspectiva *ciborgue*, a dissolução da noção dicotômica entre *natureza e a cultura* - onde

uma não deve ser mais objeto de apropriação da outra, bem como, levanta a necessidade dos questionamentos críticos constantes sobre as *polaridades e hierarquias*. Como já mencionado antes, *ciborgues são os filhos ilegítimos do capitalismo patriarcal*, e intensamente, *infiéis às suas origens*, dispensando os *ideais de sua paternidade*.

Localizando as ações feministas nas redes sociais digitais, disponíveis nas opiniões e posicionamentos projetados nas páginas feministas online, torna-se possível, encontrar a energia ativista ativa do que Haraway chama de tecno-biopotência do feminismo e sua articulação rede/ rua como o combustível da *Multidão Ciborgue*. A referência desta análise, está na proposta desta metáfora em torno da atuação pela tecnologia - em alusão à deserção ao sistema normativo localizado sob a estrutura do patriarcado, no Brasil, desde o colonialismo. É a apropriação da tecnologia comunicacional viabilizada pelo tecnocapitalismo na condição da subversão aos ideais controladores, operantes das subjetividade com novas dinâmicas para se pensar, questionar e resistir contra as estruturas sólidas do *Império* e suas redes soberanas de poder. Ressalta-se então, a condição *ciborgue*, metaforizada na competência de estimular o imaginário num caminho de resistência tecno-biopolítica contra a pretensão totalizante na dominação da vida e dos desejos, que o *Império* abarca.

Dessa maneira, ativa sua potência em propor outro espectro à biopolítica, confrontando a esfera da dominação patriarcal normatizando a sociedade em suas condicionadas modulações. De modo a identificar e multiplicar a indignação nas expressões de resistência, através da energia ativista ativa, atrelada à tecnologia – a tecno-biopotência da *Multidão*. Tanto como utopia ou como projeto concreto ativo, a condição *ciborgue* na multidão social/digital é encarada, como defesa ao incômodo gerado por uma crise global da democracia e seus sistemas políticos condutores das desigualdades, que derivam e se alastram, a partir, da herança deixada pelo modelo patriarcal e colonizador, na economia tecno-capitalista.

A luz intelectual do Ciberfeminismo, como já colocado anteriormente, foi dada por Donna Haraway (1985:05) e seu *Manifesto Ciborgue*, que é parte do seu livro *Simians, Cyborgues and Women - The Reinvention of Nature*. Sua metáfora traz a ressignificação do conceito *ciborgue* gerado na Guerra-Fria para ferramenta de luta feminista, instrumentalizada pela ciência e pela tecnologia. Isto sugere pensar a retroalimentação constante dos sistemas de rede desconstruindo muitas das *categorias dicotômicas*

estruturadas sob a base patriarcal, hierárquica e colonialista: *natureza / cultura; ser-humano / máquina; masculino / feminino*; e assim por diante.

O que este trabalho reconhece como *multidão ciborgue*, serve de contraponto e corte sobre tais máquinas ideológicas normativas. São os feminismos potencializados pela apropriação da tecnologia permitindo reivindicar e existir num lugar, que, mesmo a princípio online, serve de grande alcance e ampla dimensão na rede. Em benefício da ação política, e na reivindicação de direitos, atingindo seu status político de movimento social. A *tecno-biopotência* como resistência e remanejamento do *tecno-biopoder*.

O texto no site *Las Cyborgues - Ciberfeminismo*³ sem referência da autoria, discorre sobre o movimento ciberfeminista, constituindo-se na aliança entre as mulheres, máquinas e novas tecnologias acionadas no ciberespaço. Todavia, conta que preferiam evitar as definições e questões que o delimitassem. Mas deixam claro que, a base do movimento está na conjunção com a tecnologia gerando a possibilidade de construção de outras identidades, sexualidades pela projeção digital. O que pode ser considerado uma entrada conceitual na quebra de muitos estereótipos genéricos, totalitariamente impostos. Esta questão, trouxe em seu bojo, *indagações e indignações*, a respeito, de não existir números consideráveis de mulheres atuando como programadoras do mundo eletrônico.

Uma importante definição sobre o movimento ciberfeminista, foi a elaboração de uma paródia *sobre o que o Ciberfeminismo não é: a 100 Anti-teses*⁴, repercutindo as cem negações constitutivas de sua proposta, no centro da política ciborgue. Tal texto de *Las Cyborgues*, diz que a ironia desta *ante tese*, distanciou o ciberfeminismo do feminismo tradicional, que evidenciou seu desprezo sobre a ferramenta tecnológica para intuito político destas feministas. Mas tal fato, será discutido melhor no decorrer deste estudo, quando esta pesquisa abordará as diferentes perspectivas dos Ciberfeminismos, e os feminismos em rede online, reverberados pelas novas tecnologias da comunicação como configurações de correntes, em vertentes que, em certos aspectos, podem se opor ideologicamente. Aqui, estas correntes feministas em rede social/digital são delimitadas como fragmentos da *multidão ciborgue*, nos ciberfeminismos recentes, em prol dos direitos, debates, contestações, solidariedade, apoio, equidade e democracia.

A *Multidão Ciborgue*, em sua essência, leva em consideração, o papel da própria

³ <http://www.obn.org/cfundef/100antitheses.html>

⁴ <http://www.nodo50.org/mujeresred/internet-ciberfeminismo.html>

tecnologia na produção dos dispositivos competentes em ativar outros pontos de subjetividades e maneiras de existir. Tais *dispositivos* de subjetividade competem à noção de Foucault, quando Deleuze (1996:3) os interpreta como máquinas, que *agem biologicamente / socialmente* e nos fazem capazes de: *falar, fazer vermos e sermos vistos*. Em cada dispositivo perpassam linhas de mutações que envolvem os *campos estéticos, científicos, políticos*, entre outros. Foucault resgata a subjetividade ateniense quando a eleva além dos poderes, econômicos ou religiosos reconhecendo outras tipologias de formações subjetivas. É via onde os ciberfeminismos podem representar este recorte da *Multidão* online/offline. Segundo tal leitura de Deleuze sobre Foucault, *as formações subjetivas não são fixas*, proporcionado assim, produções de subjetividade que saem dos *poderes e dos saberes* de um dispositivo para o outro, potencializando *outras formas de ser e nascer*.

Delimita-se a condição de *multidão ciborgue* política, mapeada em metáfora aos feminismos contemporâneos localizadas nos feminismos em rede digital, quando utiliza-se do ambiente no ciberespaço contra as variadas crueldades do poder patriarcal, dicotômico e hierárquico, utilizadas como meio de perpetuar a violência pela dominação. Mas, por outro lado, o foco desta análise está na instrumentalização da tecnologia da comunicação como aliada dos feminismos, e conseqüentemente, desempenhando leituras críticas sobre os valores da base colonial/patriarcal do tecnocapitalismo - fenômeno desdobrado do pós colonialismo. Onde os considerados *subjugados*, segundo Haraway, sofreram e ainda sofrem as conseqüências deixadas pelo *legado imperialista / colonialista* persistindo na cultura tecno-capitalista.

A alusão na metáfora *multidão* aos recentes ativismos feministas online, visa então, extrapolar os limites fixos do objeto e analisar as disposições políticas engajadas na construção dos feminismos, em redes de posicionamentos diferenciados. Feminismos revigorados pelas tecnologias de comunicações derivadas do tecnocapitalismo - mas críticos, desertores dos princípios de dominação deste sistema, e por isso, considerados em sua potência, conforme será abordado adiante.

Ciberfeminismos e feminismos online

Para localizar melhor os Ciberfeminismos, Ileana Stofenmacher (2013:01), em seu texto sobre a *feminização da rede*, conta que o movimento Ciberfeminista nasceu

no final do séc. XX em Adelaide, uma cidade da Austrália, no momento em que um grupo de trabalhos e estudos, composto por *Josephine Starrs, Juliana Pierce, Francesca da Rimini e Virginia Barrat*, decidiram trabalhar com arte e teoria feminista francesa, além de prestarem homenagem a Haraway e seu conceito ciborgue em sua primeira obra-texto artística: *Vns Matrix – Manifesto para o séc. XXI*. Após algum tempo, esta onda atingiu grupos intelectuais e feministas localizados na Austrália, Estados Unidos e Europa, numa forma de resposta contra a *cultura popular do jogo de vídeo, Internet e ideologia ciberpunk*.

Realizaram três congressos internacionais, o primeiro foi em vinte de setembro de mil novecentos e noventa e sete, em Kassel, na Alemanha; o segundo em março, dois anos depois; e o terceiro em dois mil e um em Hamburgo, na Alemanha. Mas, segundo Stofenmacher, partiu das australianas a conquista dos espaços digitais, afim, de criar uma cultura tecno na *vanguarda do conceito*, que utilizava a *tecnologia como linguagem artística*.

A partir das múltiplas correntes ciberfeministas, considera-se outra hipótese desta pesquisa, onde localiza-se nos desdobramentos dos diferentes ciberfeminismos colocando novas perspectivas para o debate sobre as correntes de movimentos feministas em rede social/digital atuando na contemporaneidade recente. Desde o início dos movimentos dos ciberfeminismos, observa-se, correntes distintas, questionadoras ou reprodutoras das redes de poderes do *Império*, no ciberespaço.

Entre as categorias ciberfeministas, que emergiam ao final da década de noventa, apontam o caráter dicotômico e hierárquico do ciberespaço, levantado por Winner (2009). Esta questão, começa a se fazer presente, no debate entre mulheres ciberfeministas, quando: o Ciberfeminismo Utópico Liberal, liderado por Sandie Plant, defendia, que, o ciberespaço seria um ambiente de emancipação e de novas possibilidades. Se diferenciando do Ciberfeminismo diatópico-radical, pois este era um movimento que encontrava na essência teórica, os trabalhos de Ziauddin Sardar e Judy Wacjman, as quais mantiveram a tese, sobre o ciberespaço representar a *recolonização do ocidente*, portanto jamais transcenderia a condição normativa da sociedade. E o Cyberpunk em referência ao princípio da ciber rebeldia - vertente da ficção científica que inspirava-se diretamente no “*Manifesto Ciborgue*” de Haraway contra as polaridades e hierarquias.

Na esfera do tecno-capitalista, este estudo tem a ver com o que Rosi Braidotti (2002:01), apresenta a respeito da pós modernidade estar intimamente ligada com a realidade eletrônica. E seus fluxos de informações como dados passíveis de controlados e instrumentalizados, de modo bastante problemático. No entanto, a mesma autora, atribui aos ciberfeminismos a representação da narrativa *irônica e paródica* em importantes manifestações das subjetividades e representações no ciberespaço. Lugar onde encontramos uma vasta articulação feminista e *proto-feminista*, segundo ela. É onde se afirmam os ciberfeminismos sociais como movimentos baseados na conexão entre os princípios *antiglobalização neoliberal e direitos humanos*, ou seja, *feminismos* como *estratégias de transformação social* pela apropriação da tecnologia.

A atmosfera ao final do século XX, inspirava uma revolução tecnológica pela realidade eletrônica transformando a vida social. A *Techno-utopian*, foi a terminologia desenvolvida por Wilding (1998:09-12), usada na qualificação das respostas ciberfeministas para as desconstruções dos valores patriarcais dominantes na questão de gêneros. Pois, verificava-se, a proposição ciberfeminista de recodificação dos códigos de linguagem e identidades. Reprogramando o sentido da tecnologia de comunicações, com vista em dar suporte à transformação da condição feminina, partindo na idéia de dissolução dos gêneros.

Observa-se de fato, que, ao contrário de diluir as noções de gênero, este presente estudo, aponta as recentes mídias em redes sociais digitais constituindo provas evidentes nas distinções de gêneros pelos choques entre as abordagens existentes sobre tal conceito, e pelo espaço digital online se transformar em avatar da identidade presencial.

Continuando na reflexão de Wilding, a junção entre *ciber* e *feminismos* criou uma importante formação na história do feminismo e na mídia eletrônica do tecnocapitalismo. Determinando assim, o trânsito transnacional na participação dos ativismos feministas pela liberdade e justiça às mulheres, e nas construções das não normativas, identidades gêneros da contemporaneidade tecno-capitalista. Embora o termo *ciber* seja originário de uma vontade de poder e controle que se evidenciava sobre as convicções norteadoras da cibernética, sua conjuntura com os feminismos, pode oferecer possibilidades dos feminismos revigorarem-se pelo o uso das mídias eletrônicas da internet, entre outras práticas digitais. Para ela, estes movimentos proporcionaram o *empoderamento* das mulheres pela *tecno cultura*.

No entanto, precisam evitar danos prejudiciais, quando não abordam questões contidas no feminismo tradicional, relativas à *exclusão, lesbofobia e racismo*, desprezando as análises e estratégias feministas acumuladas até então. Nos coloca que, a definição em torno do ciberfeminismo pode ser *fluida*, e *afirmativa* nas estratégias e metas dos feminismos contemporâneos. E sua a grande colaboração, segundo a autora, está no fato das ciberfeministas elaborarem uma vasta leitura e projetos web ao redor da *Teoria da visibilidade da diferença sexual*, sobre a representação digital da mulher em escala digital. Isso, pelas discussões variadas sobre a saúde da mulher, e de como dar suporte na organização dos projetos de *networking* em diferentes continentes.

Ainda segundo Willding, os questionamentos ciberfeministas colaboraram imensamente em tornar a mulher visível nas tecnologias da comunicação do tecnocapitalismo, criticando os valores *falocêntricos da tecno-ciência*, na dominação capitalista global das redes de comunicação. Coube então, a estes movimentos, redesenharem as pesquisas e estratégias da vanguarda feminista, no entanto, *necessitam de crítica sobre as construções utópicas das relações no ciberespaço*, e sobre o patriarcado atuante nos dispositivos da biopolítica em códigos totalizadores do comportamento. Ela defende, a necessidade de uma *declaração ciberfeminista de solidariedade* entre as iniciativas do feminismo *pós colonial*, com a tecnologia da comunicação no suporte das estratégias políticas na era tecno-capitalista.

Este trabalho de pesquisa, privilegia a metáfora do *ciborgue* análoga à *multidão*, reconhecendo as páginas feministas em rede online como desdobramento empírico dos *ciberfeminismos*, de modo digital. A apropriação da tecnologia da comunicação das redes sociais pelos feminismos, permite visualizar os espectros de visões sobre opiniões, fatos e acontecimentos no mundo em fotografias digitais da realidade.

Haraway (1995:02,03) em seu outro artigo já citado anteriormente como referência à metologia de estudo sobre *os saberes localizados na questão da ciência para o feminismo*, traz a ideia de que, a metáfora é um convite à investigação dos aparatos como tecnologias, as quais estamos embutidos. É onde, podemos *intervir nos padrões de objetificação* do mundo, o qual pertencemos e somos responsáveis. Sugere a utilização da metáfora, pelo processo da *simbiose* com o *real*, enriquecendo demasiadamente a produção científica. Defende que, o desenvolvimento da ciência leva em seu bojo, o desenvolvimento da tecnologia, e ambas, podem ser contadas do mesmo modo. Diagnosticando as

tecnologias como práticas de *habilidades e visão*, ou seja, *são modos de vida e ordens sociais*. E lembra o fato, de as revoluções tecnológicas e científicas, não terem sido sempre *liberadoras*, no entanto, concebe as como sempre *visionárias*.

Pretendendo elucidar sobre as comunidades feministas online, que ativam o pensamento sobre as consequências do colonialismo em nosso país, repercutindo no atual tecnocapitalismo, selecionou-se as seguintes páginas no Facebook: Marcha Mundial das Mulheres⁵ e Pão e Rosas⁶. Tais amostras representam críticas feministas que enfatizam a questões como o racismo, e a luta da classe trabalhadora, na situação social, econômica e cultural, no que diz respeito às mulheres, comumente, subjugadas pelo sistema de dominação, que se revigora em suas tecnologias, nos distintos espaços e tempos da história.

Ao realizar o monitoramentos das páginas feministas percebe-se que e *Marcha Mundial das Mulheres* em sua página do Facebook, serve como uma prévia amostra da potência subversiva nos novos ciborguismos, pois se apresenta sendo um movimento sem líder ou partido apresentada como uma proposta global de luta: *feminista e anticapitalista na mudança do mundo e da vida das mulheres*, contra a *pobreza, a violência sexista, a mercantilização dos corpos das mulheres e pela legalização do aborto*. Frequentemente, a marcha desempenha a ocupação do espaço público em diversas cidades do país, sob esta circunstância: sem líder, e se inte-relacionando em vários formatos de mídias integradas por blog, site e imagens e mensagens publicadas em página no Facebook.

Segundo as informações do grupo *Pão e Rosa*, no Facebook, o grupo começou em dois mil e nove e integra o movimento latino americano *Pan y Rosas*, com representações no *Chile, na Argentina, na Bolívia, no México e no Estado Espanhol*. Levantam o direito ao *pão* e também às *rosas*, em alusão às trabalhadoras operárias de Massachusetts, as quais, no início do século XX, foram protagonistas da luta na defesa de direitos à *cultura, arte e lazer* como forma de desenvolverem-se. Assim, a página propaga o clamor pela condição de mulher contra a sua exploração como força de trabalho, e máquina procriadora. Reivindicando as *flores* para alimentar a alma feminina em suas subjetividades; nos diversos lugares da América Latina, onde seus povos colonizados foram e ainda são explorados e subjugados desde a colonização até a globalização.

⁵ <https://www.facebook.com/marchamundialdasmulheresbrasil/?fref=ts>

⁶ [//www.facebook.com/PaoeRosasBrasil/about/?entry_point=page_nav_about_item&tab=page_info](https://www.facebook.com/PaoeRosasBrasil/about/?entry_point=page_nav_about_item&tab=page_info)

O estudo sobre as páginas feministas em rede social online e a revitalização do feminismo, pode ser elucidado, a partir do trabalho de Aina Fernàndez i Aragonès (2009:09) da Universidade Oberta de Catalunya, a qual, discorre a cerca da *feminização da internet* e suas estratégias. Ela apresenta o ciberfeminismo social culminando a conexão dos movimentos ante *globalização e neoliberal* pelos grupos *pacifistas e ativistas na ecologia e defesa dos direitos humanos*, desde os anos noventa. Estabelecendo desse modo, os pontos de convergência com os feminismos, proclamados pelas novas tecnologias como estratégias que visam abalar as estruturas de bases profundas no patriarcado - em a busca de justiça, igualdade e direitos. Por outro lado, o estudo de Maria Rubio Liniers (2003:167,168) do CSIC de Madri, lembra que os ciberfeminismos se enfraqueceram por perderem suas ideologias e debates políticos. E é possível dizer, que ganharam novamente força nos últimos tempos, com a difusão das ideologias reacendidas pelas redes sociais digitais, proporcionadas pelo tecnocapitalismo.

Adiante, esta pesquisa discorre sobre os efeitos das consequências do colonialismo no tecnocapitalismo, e como tais conceitos originam redes de poderes que são determinantes para as diferentes condições sociais das mulheres. São construções, socialmente pautadas em estruturas, que em nome da dominação e organização da vida, realizam um trabalho de morte. Através de outras amostras de páginas feministas em rede social online, abordará sobre o conceito de *necropolítica* na condição feminina do atual tecnocapitalismo.

A condição feminina sob aspectos da Necropolítica

O tecnocapitalismo brasileiro tem raízes fincadas no colonialismo, este aspecto da história ainda irriga os valores de certas concepções sociais. Agravando, Achille Mbembe (2003;11-13) marca na história do pós colonialismo, o colapso do ideal socialista, a partir das experiências históricas, como perda da referência de um instrumento de análise - prejudicando a vitalidade dos questionamentos críticos sobre as *dependências econômicas* e os *fenômenos sociais e políticos*. Em sua visão, tudo passa a estabelecer redes de representações, onde pouco se resiste ao caráter de contingência da violência das instituições capitalistas do estado e mercado. Revigorando o referencial colonialista, o tecnocapitalismo permanece alimentando a hierarquia das estruturas de dominação, impossibilitando muitas vezes, aos considerados subjugados pelo sistema, conquistarem a autonomia e direito da própria vida. De acordo com Mbembe, em diversos pontos, esta

estrutura de dominação típica do colonialismo, se aproxima do poder fálico com consequências implicantas nas relações de poder. Extrapolam as subjetividades masculinas e femininas, fazendo *ligação direta entre a economia e a sexualidade*, em torno do *falo como estrutura de masculinidade e poder patriarcal*.

Certos movimentos ciberfeministas recentes, por suas expressões na rede social social/digital, acendem contra a *necropolítica* do estado e dos moralismos sociais, operantes fatalmente na violência de gênero. Servem neste presente estudo, como amostras deste diagnóstico, as páginas do Facebook: *Geledés*⁷, *Transfeminismo*⁸, *Mães de Maio*⁹ e *Feminismo sem Demagogia*.

Geledés, no Facebook, representa a organização criada em mil novecentos e oitenta e oito, com meta de lutar contra *o racismo e o sexismo*, promovendo a *valorização das mulheres negras e o debate sobre políticas públicas de inclusão*. É a contestação às vozes cruéis e perversas do colonialismo, ainda gritando no tecnocapitalismo. Defende o *princípio de igualdade e oportunidades para todos*, onde muitas vezes, nas expressões de suas postagens, deixam clara a revolta contra a supremacia colonialista, branca, historicamente construtora de padrões nos modelos de beleza e categorização de mulheres: as que “servem” ao casamento, às relações sexuais, aos cuidados da casa, dos filhos e assim por diante. Dentro da categoria de análise entre os diferentes feminismos, pelo processo histórico do colonialismo, constata-se que as negras historicamente saem com mais cicatrizes e dores, em relação às brancas, em nossa sociedade.

Como discorre Haraway (1993:286) o princípio da diferença do feminismo pode ser constatada no artigo intitulado, *O humano numa paisagem pós humanista*. Onde, ela diz que nos Estados Unidos do século XIX, as mulheres possuidoras das liberdades no sistema patriarcal branco eram bastante oprimidas mas valiosas como progenitoras, *herdando os negros e negras como propriedade*. Enquanto as brancas, se enquadravam na *necessidade de descendência racialmente “pura”*, as negras eram a propriedade que tal descendência garantia. Tal fato, colocava as mulheres que desfrutavam de uma certa liberdade em espaços *simbólicos*, diferentes, das que não tinham liberdade nenhuma. Tornando essas

⁷ <https://www.facebook.com/geledes/?fref=ts>

⁸ <https://www.facebook.com/Transfem/?fref=ts>

⁹ <https://www.facebook.com/maes.demaio/?fref=ts>

assimetrias, muitas vezes, incompatíveis. Por consequência do colonialismo, as mulheres negras ainda representam as principais vítimas de violência, em comparação às brancas.

Dados oriundos do I Seminário sobre Biopolíticas e Mulheres Negras¹⁰, realizado em vinte de julho de dois mil e dezessete na cidade de Salvador, tratam de dizer que, a promotoria do Ministério Público comprova este fato, e o atribui aos problemas associados à escravidão. Nos diagnósticos do Mapa da Violência¹¹, do ano de dois mil e quinze, constata-se que homicídios de mulheres negras aumentaram cinquenta e quatro por cento, por outro lado, na mesma época, o número de homicídio de mulheres brancas caiu.

Este presente trabalho, verifica que tal sintoma, evidencia no tecnocapitalismo, outro lado da biopolítica: a *necropolítica*. Achille Mbembe (2003:11) elabora este termo sob o paradigma da soberania no poder de eliminação do outro. Desse modo, este desdobramento da biopolítica se estende a tal terminologia para entender questões relacionadas aos feminismos e a condição das mulheres na contemporaneidade.

Referencia-se este termo, devido aos altos índices de crimes de feminicídios e homo/lesbo/transfobia, desempenhados numa moralidade brasileira muitas vezes fatal, em nome da família patriarcal, tradicional e normativa, cujo os dados serão devidamente demonstrados e tratados em diferentes situações, ainda a ser discutidas ao longo deste estudo.

Como um ponto interseccional dos feminismos, está a questão do direito ao aborto, outro ponto que delimita o trabalho de morte da biopolítica. Nas páginas feministas online, encontram-se a reivindicação sobre o direito ao próprio corpo e a própria vida na escolha em prosseguir ou não a gravidez. Onde as estatísticas sobre a morte da mulher pelo aborto ilegal, se faz exemplo, da consequência da moralidade social exercendo a *necropolítica* na política nos corpos femininos. Segundo o site Woman on Waves¹², cerca de quarenta e sete mil mulheres morrem por ano, no mundo, devido às *complicações no útero, hemorragias ou pelos efeitos tóxicos de substâncias e métodos indutores do aborto*.

Aqui, a biopolítica, em nome da vida do embrião gera a necropolítica sobre o corpo da mulher, quando ela não possui condições dignas à opção do aborto. A biopolítica,

¹⁰ <http://muraldeeventos.com.br/eventos/i-seminario-biopoliticas-e-mulheres-salvador-2007/>

¹¹ <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2015-11/homicidios-contra-mulheres-negras-aumenta-54-em-10-anos-aponta-estudo>

¹² <http://www.womenonwaves.org/pt/page/380/safe-abortion-saves-women-s-lives>

em nome da ordem normativa não permite, muitas vezes, a ocupação livre sobre próprio corpo, onde ser sujeito de si mesmo, torna-se um risco. É a fundamentação da política fascista sobre o ideal de direito, julgando quem vai merecer viver ou ser abandonado a morte. Seguindo a lógica descartável e supérflua da vida feminina, ativando a subjetividade e o corpo feminino, tecnicamente, para agir socialmente, pelo viés normativo tradicional. Graças à idealização social da mulher passiva e procriadora - não protagonista das escolhas e caminhos de suas próprias histórias.

“Mães de Maio”, embora não levante nenhuma bandeira explicitamente feminista, é uma página do Facebook protagonizada pelo trabalho das mulheres mães, e pode ser considerada um outro forte eixo online, da contestação contra a necropolítica operante na vida da mulher no tecnocapitalismo. Pois, é uma iniciativa desempenhada pelas mães que perderam seus filhos, mortos pela política de segurança do estado em São Paulo, numa guerra social e racista ainda executada brutalmente pela polícia militar. Tal ação, relaciona o que Mac Gregor (2013:28), observa como o *entrelaçamento da violência e direito com exceção e soberania* na administração da lógica governamental da *política de controle, distribuição e regularização da vida*. Determinando desse modo, certas situações em que o estado e a política criam um trabalho administrativo baseado no *trabalho de morte*. Assim, *legitimam o estado de exceção pelo direito de matar*, selecionando os que merecem ou não, o direito de viver.

Aos que não acessam os bons *estilos de vida* e não se encontram na conformidade da política de controle e conservação da vida, na biopolítica; o tecnocapitalismo e sua racionalidade tecnológica passa a ter peso fatal, em sua dimensão necropolítica. Destaca-se a proposta do já citado, o historiador e filósofo Achille Mbembe (2003:14), assinalando não só, o correlato entre a *soberania e a exceção*, mas enfocando a vida por sua *descartabilidade*, numa *curva que converte profundamente* até a contemporaneidade - os *processos coloniais desembocando nos fascismos atuais*. Esta é outra hipótese, a qual este estudo, está comprovando, através dos dados extraídos em observações ocultas, no campo online das comunidades feministas, em atuação na rede social Facebook.

Aspectos como a questão do aborto, estupros, assassinados de mulheres, violência doméstica, lesbofobia e transfobia, estão entre os assuntos que mais repercutem publicações nas páginas ciberfeministas no Facebook. O acesso à tais dados, pode vir a

iluminar o espectro letal da biopolítica, sob a necropolítica, e demonstrar como o caso a seguir, também se aproxima da dimensão desta hipótese.

No dia dois de julho de dois mil e dezesseis, a página do Facebook chamada Transfeminismo¹³ publicou um vídeo sobre o brutal assassinato da transexual Laura Vermont¹⁴, e é possível assistir à cena onde sua mãe, chorando desesperadamente diante da presença dos assassinos no julgamento, reclamava dos algozes alegarem o ato do crime, em nome da “família”. E, desesperadamente, ela perguntava às câmeras: - *E a minha família?*

Em nome dos dispositivos normativos sobre o valor da vida, no seio da família heterossexual, tomada pelo poder de controle e disciplina normativa dos corpos, se assassinam e se destroem as vidas de sujeitos desarmados e fieis a si na maneira de ser. As matrizes em raízes patriarcais e normativas, com seu ideal de soberania sobre o outro, não permitem a humanidade aos que encontram-se fora das modulações programadas sobre “o bom estilo de vida”. Pedro Samarco, autor do livro, *Travestis Envelhecem*¹⁵, diz que a expectativa de vida de uma travesti é de trinta e cinco anos, frente à média de setenta e quatro, setenta e cinco anos, segundo o IBGE, do ano de dois mil e treze. Morrem muito cedo, seja pela transfobia ou crimes no contextos da prostituição ou suicídio.

O tecnocapitalismo avançou racionalmente na tecnologia, mas não se desenvolveu dispensando os conservadorismos, fascismos e os valores consequentes da supressão dos desejos. Reich (2004:192) diz que as leis patriarcais oriundas da religião, na formação da cultura da família tradicional e do casamento, desenvolvem-se predominantemente *contra a sexualidade*. Por isso, uma humanidade forçosamente nega sua lei biológica e consequentemente, essa negação transforma-se numa segunda natureza, a anti-natureza, onde debate-se em *exaltação irracional*, quando quer restaurar a sua função biológica básica. Como se esta negação, que foge do normativo (mas ativa dispositivos de prazeres eróticos) desse legitimidade para matar: quando se pensa que, acabando com o que seduz sexualmente, acabaria ao mesmo tempo com o que representa uma afronta aos ideais normativos da sociedade.

Marcuse (1999:58) pode ainda explicar tal fenômeno, alegando o indivíduo eficiente na sociedade como aquele, cujo o desempenho, considera-se uma ação individual

¹³ <https://www.facebook.com/Transfem/?fref=ts>

¹⁴ <https://www.youtube.com/watch?v=MwJQz3S2Qm4>

¹⁵ <http://www.nlucon.com/2015/02/expectativa-de-vida-de-travestis-e-de.html>

apropriada, conforme os requisitos do aparato, e por isso, a liberdade fica confinada ao propósito do que é socialmente imposto.

Percorrendo entre os diferentes feminismos, encontra-se a página “Feminismo Radical Didático¹⁶”. Esta página, denuncia as opressões de gênero apenas relacionadas à mulher do sexo feminino. Se apoia na resistência a qualquer dominação do homem, se apegando na condição dualista e dicotômica da noção de gêneros. Verifica esta dominação como a primeira forma de opressão, e desconsidera como objetivo da causa feminista, abraçar a reivindicação sobre violência sofrida pelas mulheres transexuais. Por não considerar travestis e transexuais “realmente” mulheres, acreditam que o feminismo deva estar relacionado com o fator biológico dos órgãos sexuais. Essa ideia fica evidente, quando dizem que a *opressão da mulher acontece porque ela nasce com vagina e útero*¹⁷, deixando claro que é sobre esta dimensão do feminismo, que a página deseja debater e defender. Pensam a condição transexual como uma apropriação indevida do feminino *vulgar*, construído e explorado midiaticamente.

A homogeneização totalitária da modulação racionalidade normativa, também afeta a racionalidade crítica, segundo Marcuse (1977:72), há sempre a *submissão à fatalidade competitiva*. Neste caso, é possível pensar sobre o mercado do casamento patriarcal, em que cabe ao homem a escolha da mulher que viverá com ele o ideal de família normativa, e pelas leis do mercado tecno-capitalista, estimula-se permanentemente a competição entre as mulheres. A subjetividade tomada pela totalidade competitiva, leva a pensar que, a dignidade e aceitação social da identidade das mulheres transexuais trariam ao mercado de trabalho outras profissionais na concorrência pela oferta de trabalho. Por outro lado, no mercado do casamento, as travestis e transexuais intensificam a ameaça sob esta instituição normativa, pelo conhecimento do uso instrumentalizado da estética e comportamento no erotismo - instrumentos necessários e adquiridos para o trabalho no mercado do sexo. Isso remete ao pensamento se Marcuse, quando retrata a *sociedade da técnica* estar completamente envolvida pela *uniformidade competitiva*, dentro de todas suas esferas de interesses. Lembrando que, o ambiente do mercado sexual é comumente fonte compulsória de expectativas de sobrevivência e prazer para as travestis. A vida sexual,

¹⁶<https://www.facebook.com/feminismoradicaldidatico/?fref=ts>

¹⁷<https://www.facebook.com/feminismoradicaldidatico/photos/pb.1645014095762875.-2207520000.1468631773./1661390344125250/?type=3&theater>

acaba sendo um dispositivo ativo na construção da subjetividade das travestis e transexuais, mesmo que isso, muitas vezes, fatalmente, valha as suas vidas.

O ciberfeminismo de algumas expressões da página Feminismo Radical – Didático no Facebook, envolve sua concepção à normatividade da dicotomia de gênero, binária, limitada entre masculino e feminino, onde as proposições voltam a fazer parte da cultura estabelecida. Endossando, sobre o que não segue às tais modulações construídas tradicionalmente em torno das genitálias, situações indignas de humanidade das bandeiras feministas. Desconsiderando assim, as mortes brutais de travestis e transexuais, que tornam o Brasil, o país campeão de crimes de homofobia¹⁸; fato que pode resultar em mais um espectro da necropolítica sob a tutela do estado, na biopolítica fascista sobre os corpos desviantes. Vale ressaltar, que o tecnocapitalismo, coloca as questões técnicas acima das questões humanas, conforme apontado no início deste trabalho. E a preferência da identidade feminina no corpo masculino, confronta e afronta as técnicas normativas dos modos tradicionais de vida.

Ainda inspirando-se nas análises de Marcuse (1999:87), agora em seu *pensamento sobre tecnologia, guerra e fascismo*, reflete-se sobre a categoria normativa econômica e de gêneros, nos aparatos do tecnocapitalismo, dispondo-se de tipos de trabalhos – que, tanto *físicos como psicológicos*, requerem uma *combinação particular de capacidades que modelam os seres humanos*. Desse modo, a Educação torna-se um meio que faz com que a personalidade seja instrumentalizada, controlada e regulada na garantia da perpetuação do maquinário do sistema. A contemporaneidade recente, demonstra o quanto isso é relevante, quando os setores conservadores do cristianismo da bancada evangélica instrumentalizam o estado, desconsiderando e recriminando a ciência e o debate sobre gênero, em relação às interpretações equivocadas a respeito do criacionismo e da leitura da bíblia.

A página, NuSex¹⁹ (Núcleo de estudos em corpos, gêneros e sexualidades dissidentes) ressalta numa entrevista²⁰, a importância da educação sobre gênero nas escolas contra o machismo, a cultura do estupro, a transfobia, entre outras patologias do sistema de

¹⁸ <https://noticias.terra.com.br/brasil/homofobia-discussao-evoluiu-mas-brasil-e-campeao-em-crimes,8310ccc080c5b410VgnVCM20000099cceb0aRCRD.html>

¹⁹ <https://www.facebook.com/nucleocgsdissidentes/?fref=ts>

²⁰ <http://www.midiamax.com.br/entrevista/306608-sem-educacao-genero-escolas-sociedade-vai-retroceder-afirma-defensora-publica.html> 13/07/2016

dominação tecno-capitalista. Porém, em âmbito brasileiro, projetos fruto de vertentes conservadoras, ainda tramitam para que os debates sobre sexualidade e política sejam aniquilados da Educação, de modo que ela se defina ainda mais, como parte da engrenagem mecânica de um sistema que canaliza a potência de existência na contingência da necropolítica: quando não visa humanizar, aceitar e respeitar as diversas formas de ser e se reconhecer no mundo. Uma educação que reproduz a *uniformidade do interesse pessoal e competitivo*, é segundo Marcuse (1977:72), facilmente manipulada como massa, dissolvendo as formas de *contrato social*. Mas de outro modo, segundo o próprio autor, o processo tecnológico pode impulsionar a conversão numa nova forma de desenvolvimento humano, na *abolição dos objetivos competitivos*.

O contexto tecno-capitalista mecaniza, digitaliza as relações e interliga as subjetividades em rede online. Tornam-se indiferentes os limites entre as relações pessoais e as conexões sociais digitais. A sociedade técnica, por Marcuse, fica possível entender sua lógica, mesmo antes dos fenômenos dos dispositivos em rede social digital. O olhar do autor, se faz visionário ao expor os aspectos do sistema, que *impulsionam a dominação das regras do aparato*, estendendo *sua ordem às relações sociais*

Concebe-se então, que a cultura da dominação, da força, e da morte, tão presentes no colonialismo, desdobra-se no tecnocapitalismo brasileiro, deixando seus espectros operarem na vida da mulher de modo nefasto. Percorrendo a página Feminismo sem Demagogia²¹, uma publicação em treze de setembro de dois mil e dezesseis, apresenta dados que sustentam a comprovação pertinente à hipótese, levantada na fase do projeto deste presente estudo, sobre a violência, a dominação e a *necropolítica* serem operantes na condição social feminina. Pois, segundo a pesquisa publicada, realizada pela Secretaria de Políticas para Mulheres do Governo Federal, a cada doze minutos, uma mulher é violentada no Brasil. Pela exibição do Mapa da Violência, a cada dez minutos, uma mulher é estuprada. E através do IPEA, demonstrou-se que a cada noventa minutos, uma mulher é assassinada no país. Sem contar os dados de outras mortes, como nas condições precárias de aborto, transfobia e lesbofobia, conforme exposto anteriormente neste texto.

²¹ <https://www.facebook.com/FeminismoSemDemagogiaMarxistaOriginal/posts/1108155789276409>

Parafrazeando Mac Gregor (2013:23) e sua leitura de Mbembe, o estado de soberania e exceção e a conformação sobre a *descartabilidade da vida* selam um acordo muito mais profundo que com os *fascistas do séc. XX e mesmo aos dos processos de colonização* - por sua estrutura contemporânea estar sempre fortificando intensamente o *Império* e suas redes de poderes.

Nota-se pelos feminismos online, a possibilidade de ferramentas, afim, de elucidar, pensar e contestar sobre a política contemporânea e os valores da sociedade que contemplam a *lógica de administração* da violência, dominação e morte. O que leva a compreensão sobre os *fascismos não estarem localizados na história do passado*, já que as suas condições, ainda seguem operando na base do tecnocapitalismo brasileiro.

Considerações finais

Os resultados deste estudo, repercutem sobre as novas atuações ciberfeministas dimensionando suas propostas, levando em consideração a amplitude e abrangência do tecnocapitalismo, onde historicamente, interligam-se as questões de gênero às questões políticas e econômicas. As ciberfeministas como propostas de questionamentos diferentes sobre a tecnologia, desdobram-se nos ativismos feministas online, sem que isso fosse um projeto consciente das ciberfeministas do final do séc. XX. Porém, entre suas pautas, ainda destaca-se a resistência sobre o modelo tecno-capitalista entrelaçado aos valores patriarcais e dominantes economicamente. Os recentes ciberfeminismos, em grande parte, reconhecem o vetor do sistema totalizador, ao mesmo tempo, discriminador e normalizador do controle e da violência contra a mulher, assim como, sobre as minorias sociais e de gênero, sobre trabalho, o meio ambiente, e outros aspectos que configuram diversas máquinas de dominações e opressões.

A conexão e participação em redes sociais digitais, também marca a essência deste tempo. Sobrepondo-se a atividade de ócio, narcisismo e entretenimento, a conexão em comunicação digital, quando articulada politicamente, tende a viabilizar outros olhares e questionamentos, os quais esta pesquisa se encarregou de abordar, quando estão relacionados aos feminismos. Outro aspecto, que esta pesquisa pretendeu destacar, está sobre o sistema atuante no tecnocapitalismo enaltecer as inovações – contemplando as tecnologias de ponta, em detrimento das razões críticas sob as consequências da exacerbação consumista, implicando na descartabilidade dos objetos, pessoas e relações.

Os movimentos feministas desdobrados nos ciberfemismos em rede social online, podem reforçar a resistência, à histórica estrutura de poderes, hegemonicamente capitalistas e patriarcais; alimentando os dispositivos de subjetividades com a potencialidade de transmutação e transformação sobre valores das bases do tecnocapitalismo. Como representação deste movimento dos dispositivos, a máquina em conexão em rede social online pode ser vista como um campo fruto do ideal colonizador e patriarcal. Mas é olhada também, como um campo que pode proporcionar elementos para a reinvenção das subjetividades. Metaforizando Hataway em seu ciborgue insurrecional, e a *Multidão* que se organiza e se comunica digitalmente, na tentativa de subverter as tecnologias patriarcais, desempenhando um rompimento com o padrão tradicional da *racionalidade tecnológica* na linha histórica do tecnocapitalismo.

Esta pesquisa está cumprindo seu projeto de localizar nas redes sociais digitais e nas ruas, remetendo novamente, ao que Foucault (1991) e seu prefácio à obra de Deleuze e Guatarri, traduz pela busca do *desejo*, em sua intensidade *política*, pode *reverter a ordem* que ainda permanece sob a norma dominante, violenta e fascista - *vigorando nos desejos das massas* aqui localizada como a multidão ciborgue, dado ao contexto tecno-capitalista. Verificando onde a prática política feminista pode agir socialmente, intensificando seu pensamento, culminando outras as maneiras de pensar e intervir politicamente.

Compreendendo que o *indivíduo é produto do poder*, conforme as palavras de Foucault, esta tese está percorrendo sua proposta de *agenciamentos em diversos deslocamentos* feministas que incorporam a tecnologia na militância e ação crítica no questionamento das redes de poderes baseados nos padrões de normatividade heterossexual, com ideal no soberano branco, aristocrático e repleto de posses. As amostras dos feminismos online, mencionadas neste estudo, mostram subversão ao uso comum da tecnologia da comunicação, apropriando-a como fonte de contestação, estratégia de articulação, proteção e diálogo contra os transfigurados fascismos cotidianos, enraizados na matrizes do pensamento brasileiro. Lançando ainda, seus espectros na dominação dos valores, ditando as regras sobre o corpos, as moralidades e os costumes impostos às categorias femininas, comumente, subjugadas pelo sistema tecno-capitalista.

Aberto à pluralidade de vozes e discursos ciberfeministas, o ciberespaço com suas redes sociais é um espaço público não alheio aos sistemas de dominação social e/ou gênero, porém aqui, coube considera-lo também, espaço com potência política. E,

entendendo a consideração do feminismo sobre a intimidade, ser política, o campo digital viabiliza a intimidade da mulher traduzida em sua subjetividade na rede, justificando desta forma, o ciberespaço em conexão, como um campo público, altamente político.

Compete então, finalizar, salientando que, considerável parte dos ciberfeminismos, mapeados na *multidão ciborgue*, confrontam e enfrentam as estruturas de poderes do *Império* mediado pelo estado, onde aqui, as mulheres e suas ações feministas são as *subjetividades desviantes*, que pensam, clamam e reclamam nas redes e nas ruas por uma forma mais justa e democrática de viver e existir – na pretensão de interagir e se apropriar com autonomia, o aparato das tecnologias materiais e sociais do mundo para torna-lo mais humano, que técnico.

BIBLIOGRAFIA.

ARAGONES, Aina Fernádes, *La Feminització d'Internet. Ús d' estratègies femenines en la cultura hacker*, 2009,. Univerdisidat Oberta de Catalunya

BAIDOTTI, Rosi: *Diferença diversidade e subjetividade nômade*. Tradução de Roberta Barbosa. In: *Labry`s Estudos Feministas*, 2002

DELEUZE, Gilles. *O mistério de Ariana*. Ed. Vega – Passagens. Lisboa, 1996.
<https://pt.scribd.com/doc/48275693/O-que-e-um-dispositivo-Gilles-Deleuze>

FOULCAULT, Michel: *Introdução a uma vida não fascista* : Tradução de Carmem Bello, Rio De Janeiro. Holon Editorial, 1991. In: *O Anti- Édipo – prefácio*. NY, 1987. Extraído de: *Dossier Deleuze*, organizado por Carlos Henrique de Escobar.
<http://www.michelfoucault.com.br/files/Foucault%20Anti-edipo%20-%2022jun13.pdf>

HARDT, Michel; NEGRI, Toni. *Multidão*: Tradução: Clovis Rossi Marques; Rio de Janeiro, ed Record, 2005.

HARAWAY. Donna; *MANIFESTO CIBORGUE – ciência, tecnologia e feminismo socialista no final do século XX*, 1985. In: <http://www.rodriгомedeiros.com.br/pos/download/oriana/01-ManifestoCyborgI.pdf>

HARAWAY. Donna; *O humano numa paisagem pós humanista*. *Estudos Feministas* 1993. In: *Revista de Estudos Feministas*. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16064/14593>

HARAWAY. Donna *saberes localizados: a questão do feminismo e o privilegio da perspectiva parcial*, 1995
http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/1065_926_hARAWAY.pdf

LATOURE, Bruno; *Reagendando o Social – uma introdução à teoria Ator-Rede*. Tradução do Gilson Cesar de Sousa; Salvador/Bauru ed. EDUSC, 2012.

LINIERS, Maria Rubio; *La Imagen Virtual de la Mujer – dos estereótipos tradicionais al Ciberfeminismo*. *Revista Feminismo/s*, Madri, Espanha, 2003

MAC GRAGOR, Helena Chaves - *Necropolítica - A política como trabalho de morte*. *Revista Ábaco*, V.4 número 48. *Miradas Sobre um Fascismo Insistente*. México, 2013

MARCUSE, Herbert; *A Ideologia da Sociedade Industrial – o homem unidimensional*; Tradução de: Giasone Rebuá. Ed. Zahar, 1979

MARCUSE, Herbert; *Algumas Implicações sociais da tecnologia moderna*. Tecnologia, Guerra e Fascismo. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

MBEMBE, Achille; *Necropolitics*. Translated by Libby Meintjes, Duke University, 2003 *In*: <https://www.dartmouth.edu/~lhc/docs/achillembembe.pdf>

NEGRI, Antônio; *Para uma definição ontológica de multidão in*: Lugar Comum - Estudos de Mídia, Cultura e Democracia nº19-20, janeiro de 2004 - Rio de Janeiro: Ed. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004

PRECIADO, Paul; *Biopolíticas del género*, 2009. *in* <http://masculinidades.blogspot.com.br/2009/09/biopolitica-del-genero.html>:

PRECIADO, Paul ; *Multitudes queer*. Notes for a politics of "abnormality", 2003. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2011000100002

STOFENMANCHER, Ileana: *Feminización de la red*. Revista Aura Digital – estudos de la cibercultura hipertextual. http://vc.uoc/04_999_01_u07/ciberfeminisms47.html

SKÅGEBY, Jörgen. *Online Ethnographic Methods: Toward a Qualitative Understanding of Virtual Community*. Sweden: Ed. IGI Global, 2013.

WINNER, L. *¿Tienen política los artefactos?* Organización de Estados Americanos para la Educación, la Ciencia y la Tecnología. En línea junio 09. Documento disponible en: <http://www.oei.es/salactsi/winner.htm>

WILDING, Faith ; *Where is the Feminism on Cyberfeminism? – The Feminist E- Zine*, 2013. *In*: www.feministezine.com/feminist/cyberfeminist.html